

# PORTADORES DO EVANGELHO

## Redação Final

Em nome do Senhor, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém!<sup>1</sup>

O Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores saúda com reverência e amor sincero todos os irmãos que, enviados pelo Senhor Deus ao mundo, anunciam em diferentes povos e culturas, com a palavra e com o testemunho das suas obras, “que não há outro Onipotente senão Ele<sup>2</sup>. E a quantos chegar esta carta, o irmão Francisco, seu servo no Senhor Deus, pequenino e desprezível, deseja a todos saúde e paz”<sup>3</sup>.

Queridos irmãos:

1. O Senhor reuniu-nos em Santa Maria dos Anjos da Porciúncula para celebrarmos o 187º Capítulo geral da nossa Ordem, de 24 de maio a 20 de junho de 2009, conforme nossa Regra, que prescreve que o Capítulo tenha lugar por ocasião de Pentecostes<sup>4</sup>.

Foi significativo que este encontro tenha acontecido no ano em que celebramos o VIII centenário da aprovação da forma de vida franciscana e no lugar que viu nascer a nossa fraternidade. A presença de irmãos procedentes de tantos e diversos países e culturas aqui é um sinal eloquente da força fecunda do projeto de vida de Francisco, que não é outro senão o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo<sup>5</sup>.

2. Visto que o modo peculiar de Francisco ler o Evangelho é essencialmente prático, existencial<sup>6</sup>, reafirmamos a primazia da práxis “como caminho para uma melhor compreensão da própria vocação”<sup>7</sup>. Por isso, preocupa-nos a distância que sói separar nossos discursos da vida real. Por isso, o Capítulo quis escrever uma mensagem que inspire e anime a vida cotidiana dos irmãos, mais que um documento doutrinal. E quisemos fazê-lo com palavras breves, como aconselhava Francisco<sup>8</sup>, pois esta é também uma maneira de voltar ao essencial.

---

<sup>1</sup> Cf. Carta aos Governantes dos povos, 1.

<sup>2</sup> Carta a toda a Ordem, 9.

<sup>3</sup> Carta aos Governantes, 1.

<sup>4</sup> Rb 8,2-3.

<sup>5</sup> Id., 1.1.

<sup>6</sup> Cf. Legenda dos Três Companheiros, 28.

<sup>7</sup> O Senhor nos fala no caminho, 10.

<sup>8</sup> Rb 9,4.

3. O tema do Capítulo foi a missão evangelizadora, que é um meio particularmente propício para restituir ao Senhor o dom do Evangelho, dado como forma de vida a Francisco<sup>9</sup>. Falamos de “dom” no sentido que ele dá a esta palavra, quando diz que o Senhor lhe deu irmãos<sup>10</sup>, e de “restituição”, no sentido que a palavra tem quando ele mesmo exorta: “E restituamos ao sumo e altíssimo Senhor Deus todos os bens e reconhecamos que todos lhe pertencem, e por todos lhe damos graças, pois dele procedem”<sup>11</sup>. A restituição refere-se, por conseguinte, à desapropriação.

4. Nesta mensagem, desejamos partilhar algumas reflexões sobre estes dois aspectos que, complementando-se, dão origem à nossa vida e missão, situando-nos no contexto da vida, das necessidades, das perguntas e desafios de nossos povos, para quem o anúncio da Boa notícia do Reino de Deus, gérmen de um mundo novo de justiça, de paz e de fraternidade, tem que ser hoje, mais do que nunca, gerador de esperança.

### I. O dom do Evangelho

5. “O Senhor deu a mim, Frei Francisco..., O Senhor conduziu-me entre os leprosos..., O Senhor deu-me irmãos..., O Senhor revelou-me...”<sup>12</sup>. Estas palavras do Testamento de Francisco mostram uma profunda verdade: no princípio de tudo está o Senhor, origem de todo bem, que “é todo bem, o sumo bem, todo o bem, o único bem”<sup>13</sup>. Toda realidade aparece assim como um dom que procede dele, e o maior de todos é “seu Filho bendito e glorioso que ele nos deu, e que por nós nasceu”<sup>14</sup>. Esta é a Boa Nova que temos recebido: o “Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”<sup>15</sup>, dom que mudou a vida de Francisco e que muda a vida de cada um de nós.

6. O dom do Evangelho está na origem da nossa fraternidade. No Testamento de Francisco, o dom dos irmãos e o dom da forma de vida evangélica estão unidos<sup>16</sup>.

---

<sup>9</sup> Relatório do Ministro Geral, 16.

<sup>10</sup> Testamento 14.

<sup>11</sup> Et omnia bona Domino Deo altíssimo et summo reddamus et omnia bona ipsius esse cognoscamus et de omnibus ei gratias referamus, a quo bona cuncta procedunt. Rnb 17, 17.

<sup>12</sup> Test 1.2.14.23.

<sup>13</sup> Louvores a todas as Horas, oração final.

<sup>14</sup> 2CtaF 11.

<sup>15</sup> Mc 1,1.

<sup>16</sup> Test 14-15.

Quando os dois primeiros companheiros lhe perguntaram o que deveriam fazer para poder viver com ele, Francisco respondeu: “Peçamos conselho a Cristo”<sup>17</sup>, e junto com eles dirigiu-se à igreja para abrir três vezes o livro do Evangelho. Nele é Cristo quem fala, e da escuta da sua voz nasce aquele novo vínculo no Espírito, que é a primeira fraternidade. O pequeno grupo de irmãos, germen da Ordem franciscana, precede, neste momento fontal, toda distinção ministerial. São simplesmente crentes que querem levar o Evangelho a sério.

7. Desde os primeiros dias, a fraternidade se sente chamada a anunciar o que vive. Celano conta que no princípio, quando apenas eram oito irmãos, ocorreu o primeiro envio pelo mundo<sup>18</sup>. Francisco e os seus se convertem, assim, em pregadores e evangelizadores. Este será um traço característico da vida franciscana, ao qual ambas as Regras dedicarão um tratamento explícito<sup>19</sup>. É itinerância, é simpatia pelo mundo<sup>20</sup>, do qual não somente não se quer fugir, mas que é reconhecido como o próprio claustro<sup>21</sup>, é partilhar a vida dos pobres e daqueles “que se encontram à margem da estrada”<sup>22</sup>. Este modo de andar pelo mundo é uma maneira de restituir o dom do Evangelho recebido.

8. Francisco e seus irmãos fazem opções que tornam concretas suas intuições. Optam por não tocar em dinheiro, porém não renunciam ao trabalho ou a cuidar dos leprosos; optam por não andar a cavalo, mas nem por isso deixam de ir pelo mundo; recusam decididamente os privilégios eclesiásticos, mas declaram-se sempre “súditos e sujeitos aos pés da santa Igreja”<sup>23</sup>; optam por confiar-se à Providência para prover a seu sustento, mas precisamente por isso são livres “para comer o que lhes for servido”<sup>24</sup>. Destas e de muitas outras maneiras, a primeira fraternidade aparece com um fraternidade profética, como uma fraternidade-sinal<sup>25</sup>, que sabe ler os sinais dos tempos e encarnar o Evangelho de maneira concreta e compreensível para a cultura do próprio tempo.

---

<sup>17</sup> 2Cel 15; AP 10-11; LTC 27-29.

<sup>18</sup> 1Cel 29.

<sup>19</sup> Rnb 14; Rb 3.

<sup>20</sup> Relatório do Ministro Geral 17,6.

<sup>21</sup> Sacrum commercium 63.

<sup>22</sup> Rnb 9,2.

<sup>23</sup> Rb 12,4.

<sup>24</sup> Id., 3,4.

<sup>25</sup> Relatório do Ministro Geral, 31.

9. Da mesma maneira, torna-se visível a fantasia evangélica com a qual Francisco e seus irmãos sabem anunciar o Evangelho da paz. Basta recordar o modo com o qual consegue pacificar o Bispo e o Prefeito de Assis, inimigos ente si<sup>26</sup>. Francisco age de maneira simples e inteligente: não entra no mérito das questões econômicas ou de poder que os tinham dividido nem pretende encontrar uma solução política para o conflito; convida-os simplesmente a escutarem o Cântico, cujas letra e música ele havia composto<sup>27</sup>. Sua fantasia lhe sugere o modo de ajudá-los a resolver suas contendas, a partir do próprio dom. O que há de mais eficaz do que a música e o canto para tocar os afetos e falar ao coração? A lógica do dom<sup>28</sup> aparece claramente como alternativa à lógica do preço, da ganância, da utilidade e do poder, que dominavam no mundo de então, como no mundo de hoje.

10. A exemplo de Francisco e de tantos irmãos de nossa história que souberam colocar seus dons ao serviço da Boa Nova<sup>29</sup>, também nós nos sentimos chamados a acolher o Evangelho e a restituí-lo criativamente com a vida, com gestos concretos, mediante o exercício de nossos próprios dons. Queremos aprender a escutar a palavra de Jesus e a restituí-la aos homens e às mulheres de hoje no espírito do Evangelho<sup>30</sup>, caminhando pelas estradas do mundo como irmãos menores evangelizadores, com o coração voltado para o Senhor.

## II. Restituamos o dom do Evangelho

Durante os trabalhos capitulares, surgiram diversos temas que desejamos propor aos irmãos como possíveis caminhos de restituição.

### A Evangelização

11. Em sua essência mais profunda, o Evangelho é um dom destinado a ser partilhado. O envio a evangelizar brota de suas próprias entranhas<sup>31</sup>, ao mesmo tempo que é uma exigência da fé. Uma autêntica experiência de Deus, de fato, nos põe em movimento, porque não é possível sentir o abraço infinito de um Deus loucamente enamorado, porque é amor e só amor, sem sentir ao mesmo tempo a necessidade urgente de partilhar esta experiência com os outros<sup>32</sup>. Em última análise, evangelizar

---

<sup>26</sup> LP 44 = CA 84.

<sup>27</sup> LP 24 = CA 66.

<sup>28</sup> Cf. O Senhor nos fala no caminho 19-25.

<sup>29</sup> Cf. Ep 85.

<sup>30</sup> Cf. MT 25,40.

<sup>31</sup> MT 28, 18-20; Mc 16, 14-20; Lc 24, 46-48; Jo 20, 21.

<sup>32</sup> Cf. Jo 1, 35-42; 1Jo 1, 3.

é fazer a experiência de Emaús, colocando-se na estrada para fazer uma oferta de fé mediante um testemunho partilhado<sup>33</sup>. Quem partilha restitui<sup>34</sup>.

12. Convém, porém, que sejamos autocríticos e nos perguntemos se o imobilismo e a instalação que ameaçam paralisar o dinamismo evangelizador não estariam falando de uma crise de fé que atinge alguns de nós. E talvez o nó da questão não seja tanto que não cremos, mas, muito mais, qual a idéia de Deus que temos colocado no centro da nossa fé. Será que não acentuamos com demasiada frequência, de modo unilateral, o lado monoteísta da nossa fé em detrimento de sua dimensão trinitária, onde se radica a sua originalidade? A pergunta é pertinente, porque o envio evangelizador só tem sentido a partir da fé num Deus que é Pai e que dos abismos de sua intimidade de comunhão e de amor envia seu Filho a anunciar e tornar presente a Boa Nova do seu Reino sob a ação do Espírito. Além disso, unicamente a partir deste pressuposto de fé podemos compreender que a missão evangelizadora seja essencialmente inerente à nossa vocação franciscana, já que todos a temos abraçado sob o sinal da fé trinitária: em louvor e glória da santíssima Trindade<sup>35</sup>. Sobre o fundamento de uma fé e de uma espiritualidade trinitárias, podemos entrar na dinâmica da lógica do dom, que faz com que a riqueza dos dons que os irmãos trazem, junto com a diversidade dos contextos sociais, culturais e religiosos que nos desafiam, confere à missão da nossa Ordem o caráter de carismática, plural e diversa<sup>36</sup>. Na centralidade que é devida a Deus trino como princípio integrador de nossas vidas, fraternidades e dos dons dos irmãos, se coloca a esperança que anima a nossa missão evangelizadora<sup>37</sup>.

*Missão inter gentes:*

Encarnados evangelicamente em nosso tempo.

13. Outro caminho de restituição que o Capítulo enfatizou nesses dias é a chamada “missão *inter gentes*”<sup>38</sup>, expressão que indica um modo de nos fazermos presentes lá onde o Senhor nos envia, como também uma atitude diante do mundo. Trata-se de um processo de inserção na realidade que nos faz descobrir a vida de nossos povos com toda a sua complexidade<sup>39</sup>. A missão *inter gentes* supõe esta empatia com o mundo e é consequência e prolongamento do mistério da encarnação. Para anunciar a Boa Nova do Reino, o Verbo – o primeiro menor – se fez carne em um corpo humano e, por isso

---

<sup>33</sup> O Senhor nos fala no caminho, 39-40 e 43-44.

<sup>34</sup> Id. 19. Cf. Relatório do Ministro Geral, 19 c.

<sup>35</sup> CCGG 5,2.

<sup>36</sup> O Senhor nos fala no caminho, 19-25. Citação 38.

<sup>37</sup> Id. 27; 38.

<sup>38</sup> Relatório do Ministro Geral, 16a, 25.

<sup>39</sup> Cf. Gaudium et spes, 1.

mesmo, se insere também em um tempo histórico, numa sociedade e numa cultura concretas, assumindo, assim, toda a condição humana, menos o pecado<sup>40</sup>. Cristo é o paradigma de toda evangelização. Por isso, a encarnação real e efetiva do evangelizador na realidade sócio-cultural do povo é uma condição iniludível de sua missão.

14. Para alcançar esta desejada encarnação, é preciso “descentrarmo-nos de nós mesmos”<sup>41</sup>, a exemplo do Filho de Deus, “que, sendo de divina condição, não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem”<sup>42</sup>. A Ordem sente-se chamada a ser menos autorreferencial e a estar mais em tensão para o devir do mundo; a preocupar-se menos com o próprio futuro e mais com o destino da humanidade; a afanar-se não tanto em adequar suas estruturas internas, senão em adequar-se aos tempos que correm. Fenômenos como a interculturalidade, a reivindicação e defesa dos direitos humanos, a emergência e visibilidade de minorias de todo tipo; a crise do modelo econômico neoliberal que depaupera sempre mais os setores pobres das nossas populações, a destruição sem dó do meio-ambiente e os fenômenos migratórios são, entre outros, vozes que o Espírito nos lança e que pedem resposta. Cremos que o Espírito segue atuando, falando e manifestando-se tanto hoje como ontem.

15. A missão *inter gentes* implica uma atitude de simpatia com o mundo como condição para entrar em diálogo com os homens e as mulheres de hoje e para a evangelização<sup>43</sup>. Não se trata de acomodar-se ao mundo nem de suspender o juízo crítico com relação a ele. Trata-se muito mais de aprendermos a ser capazes de lançar um olhar positivo sobre os contextos e as culturas em que estamos imersos, descobrindo as oportunidades inéditas da graça que o Senhor nos oferece através dele<sup>44</sup>. Vivemos um novo Kairós que Ele nos dá através do colapso dos anteriores paradigmas sociais, culturais e religiosos e do emergir dos novos que acompanha a mudança de época que estamos vivendo. Desta maneira, a missão evangelizadora se converte em caminho de ida e volta que comporta dar, mas também receber, em atitude de diálogo<sup>45</sup>.

---

<sup>40</sup> Jo 1, 14; Hb 4, 15; Fl 2, 7-8. Cf. Oração Eucarística IV.

<sup>41</sup> Cf. Relatório do Ministro Geral, 17c, 23c.

<sup>42</sup> Fl 2, 6-7.

<sup>43</sup> Ib. 17, 5.

<sup>44</sup> Id. 29.

<sup>45</sup> Ib. 17, 4.

16. A missão *inter gentes* exprime-se também através da inculturação. Seduzidos por Cristo, a Palavra de Deus inculturada por excelência, também nós queremos aprender a encarnar a mensagem evangélica nos diversos contextos em que vivemos<sup>46</sup>. Para que o Evangelho seja significativo, não temos que esperar que sejam os homens e as mulheres de hoje a esforçar-se para entender o que estamos procurando transmitir; compete a nós aprendermos a linguagem do mundo e seus códigos comunicativos para tornar inteligível a mensagem. “Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo”, disse o Apóstolo. E acrescenta: “Tudo isso eu faço por causa do Evangelho, para me tornar participante dele”<sup>47</sup>. A situação da Igreja no tempo de Francisco oferece uma lição: “prisioneira das suas estruturas feudais, ela perdera a capacidade de comunicar o Evangelho à sociedade da então. Perdera a linguagem da missão. O novo mundo se lhe escapava”<sup>48</sup>.

17. Uma das formas de evangelização *inter gentes* em que se encontram empenhados muitos irmãos é a chamada evangelização “tradicional”, que mantém sua validade e que, de nenhuma maneira, suprime ou se contrapõe às novas formas de evangelização.

#### Missão *ad gentes*

18. A missão *inter gentes* encontra sua expressão plena e, de certo modo, seu complemento na missão *ad gentes*. Em várias ocasiões, o Capítulo manifestou por ela seu sincero apreço e sublinhou a importância deste elemento essencial de toda evangelização. A missão *ad gentes*, com efeito, põe em singular evidência o momento inicial da fé, que nasce do anúncio do *kerygma* àqueles que ainda não conhecem o Evangelho, e chama à conversão. Pela fé anunciada e partilhada o Espírito cria laços de comunhão, dos quais faz nascer a Igreja. Esta dinâmica missionária pertence essencialmente à sua fisionomia, obediente ao mandato de Jesus, que disse: “Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês”<sup>49</sup>.

19. Francisco e seus irmãos da primeira hora foram particularmente impactados pelos textos evangélicos do envio em missão dos discípulos<sup>50</sup>, os quais inspiraram seu modo de andar pelo mundo, desprovidos de tudo o que lhes podia dar segurança<sup>51</sup>.

---

<sup>46</sup> Ib. 263.

<sup>47</sup> 1Cor 9, 22b-23.

<sup>48</sup> Relatório do Ministro Geral 179a.

<sup>49</sup> MT 28, 19-20a.

<sup>50</sup> AP 10-11; 2Cel 15.

<sup>51</sup> Lc 9, 3.

Esta é uma característica típica da nossa tradição franciscana, e desde o principio os irmãos tem sabido cruzar fronteiras para aventurar-se além das fronteiras da cristandade. A história da primeira fraternidade está marcada por missões do outro lado das montanhas, no norte da Europa, e além dos mares, nos caminhos do Oriente. É Francisco que suscita estas primeiras expedições depois do Capítulo de 1217, antes de colocar-se ele mesmo, dois anos mais tarde, a caminho do Oriente.

20. Segundo a *Regra*, a missão não nasce da iniciativa humana, mas “por divina inspiração”<sup>52</sup>. Este é um elemento essencial para revitalizar hoje nossas missões *ad gentes*. Somente na docilidade ao Espírito, que sopra onde quer e como quer e que impulsiona a evangelizar, re-encontraremos a força e o ardor missionários que por vezes parecem diminuir. A *Regra não bulada*, por sua parte, mostra aos frades dois modos de comportar-se: o testemunho silencioso, sujeitos a toda criatura humana por amor a Deus, e o anúncio explícito da sua Palavra com o convite à conversão, quando virem que isto agrada ao Senhor<sup>53</sup>. Trata-se de indicações preciosas que unem as características da missão *inter gentes* com as da missão *ad gentes*, numa síntese possibilitada pela docilidade ao Espírito. O anúncio explícito do Evangelho é o ponto de chegada de nosso modo minorítico de estarmos presentes no mundo, depois de um atento discernimento para descobrir quando “agrada ao Senhor”.

21. Nesta atenção à missão *ad gentes*, o Capítulo incentivou a colaboração entre as diversas entidades numa perspectiva de intercâmbio recíproco entre aquelas mais jovens e as de mais antiga tradição. Hoje, a missão além das próprias fronteiras é um chamado a todos, e os movimentos migratórios em nível mundial propiciam uma nova aproximação à dimensão missionária.

### Habitar as fronteiras

22. O Evangelizador é alguém que continuamente atravessa fronteiras, pelo simples fato de ser enviado. Pode tratar-se de fronteiras geográficas, como acontece no caso das missões *ad gentes*, mas existem também outros tipos, e devemos aprender a atravessá-las. Vivemos em sociedades compartimentadas, onde às vezes as divisões se tornam demasiadamente rígidas, originando, assim, discriminações, exclusões e, em casos extremos, violência física, psíquica e ideológica. No atual contexto social, eclesial e mesmo na própria Ordem, algumas dessas divisões têm especial relevância e nos urge a exercermos nossa itinerância, atravessando fronteiras como as que existem entre homem/mulher, clérigo/leigo, rico/pobre, cultura/natureza, alma/corpo, cidadão/imigrante, oração/trabalho, Ordem/mundo, comunidade/sujeito individual. Evangelizar implica tornar porosos nossos limites para permitir o fluxo da intercomunhão e a intercomunicação. Novamente, só a fé e a espiritualidade

---

<sup>52</sup> Rb 12, 1.

<sup>53</sup> Rnb 16, 5-7.



trinitárias nos permitirão habitar as fissuras de um mundo fragmentado num esforço de integração e superar estas e outras dicotomias como cominho de restituição.

23. Ao mesmo tempo, se dá o fenômeno da existência de outras fronteiras que se tornam imprecisas e delimitam cada vez menos. A globalização pode ser invocada como um exemplo paradigmático disso. Essa é um dos grandes paradoxos da nossa época: para uns as fronteiras são fechadas, para outros quase não existem. O fenômeno da imigração inscreve-se nessa dialética, especialmente quando se trata dos refugiados. Cada ano, são milhares aqueles que a miséria ou a violência expulsam de seus países, e não são poucos os que perecem no intento de encontrar os meios para satisfazer as necessidades mais elementares e de suas famílias. A itinerância dessas pessoas é pobre e minorítica. Nós, frades menores, podemos encontrar um espaço social no qual esses valores do nosso carisma estejam mais bem representados? Uma presença evangélica entre eles seria um sinal de restituição particularmente eloqüente neste mundo onde somente o fluxo do dinheiro, bens e serviços encontram livre trânsito, mas não as pessoas, e menos ainda os pobres, sacramentos do Filho de Deus que “foi pobre e hóspede”<sup>54</sup>. Em virtude da sua encarnação, o Verbo se põe do lado da periferia, da vulnerabilidade, da pobreza<sup>55</sup>. Não queremos esquecer que “nossa minoridade, que tem como paradigma a de Cristo (cf. Fl 2, 6-11), deve traduzir-se em opções corajosas que nos ajudem a abandonar algumas situações sociais e eclesiais para assumir com maior decisão posições de fronteira da vida religiosa e habitar a marginalidade, como essência da nossa identidade franciscana”<sup>56</sup>.

24. Assistimos ao nascimento de um mundo no qual surgem diversas sensibilidades que dividem o espaço comum: africana, asiática, latino-americana...; culturas e religiões, que até pouco tempo atrás eram majoritárias em certos âmbitos, começam a não sê-lo mais, enquanto outras vão surgindo e reafirmando seu direito a ser reconhecidas e a existir. Já não é mais necessário viajar milhares de quilômetros de distância para encontrarmos-nos com outras culturas e outras religiões. As oportunidades de dialogar com elas está ao alcance da mão. Formar-nos para o diálogo e restituir o Evangelho nestes meios é obra do Espírito<sup>57</sup>, cuja ação não conhece fronteiras, pois é “o Espírito quem impulsiona a ir sempre além, não somente no sentido geográfico, mas também além das barreiras étnicas e religiosas, para uma missão verdadeiramente universal”<sup>58</sup>.

### Os leigos e a “evangelização partilhada”

---

<sup>54</sup> Rnb 9, 5.

<sup>55</sup> 2CtaF 4-5.

<sup>56</sup> Relatório do Ministro Geral, 32b.

<sup>57</sup> Rb 12, 1.

<sup>58</sup> Redemptoris missio 25. Cf. n° 30.

25. A missão evangelizadora pertence a toda a Igreja, não só aos ministros ordenados. Na diversidade de ministérios, todos os cristãos são chamados a responder à Palavra do Senhor que envia a anunciar a Boa Nova do Reino. Uma correta concepção da Igreja reconhece na comum condição batismal o fundamento dos diversos carismas e ministérios. Por estes motivos, nós, frades menores, nos sentimos chamados a promover a evangelização partilhada com os leigos, como uma ação de autêntica restituição do Evangelho, dom de Deus para toda sua Igreja. Deste modo, os leigos exercem seu direito e seu dever de participar “conservação, no exercício e na profissão da fé recebida”<sup>59</sup>. O leigo é evangelizador por direito próprio, não por uma graciosa concessão nem muito menos a título de suplência para socorrer nossas carências de pessoal. Daí que devemos entrar em uma “conversão eclesiológica” que nos faça superar a mentalidade clerical que ainda prevalece entre alguns irmãos. Um modelo de Igreja que se baseasse unicamente no sacerdote e no missionário clérigo não permitiria uma evangelização partilhada, pois esta implica a disposição a renunciar a certas seguranças e a ceder espaços de poder e de protagonismo. Por isso, esta restituição seria um sinal concreto do Espírito, e a nós, frades menores, corresponde a tarefa de ser inventores proféticos de sinais<sup>60</sup>.

26. Nossa Ordem, formada por irmãos clérigos e irmãos leigos, compreende e valoriza o dom da vocação religiosa laical. Consideramos útil recordar algumas orientações surgidas no Capítulo a este propósito.

Recordou-se que em algumas “regiões” da Ordem (...) ainda se vivem situações de discriminação no que se refere a oportunidades de formação, que, segundo a nossa legislação, devem ser as mesmas para todos e que o modo de exercer os nossos ministérios nem sempre favorece a participação ativa dos frades leigos na missão evangelizadora<sup>61</sup>. Sobre este particular, reafirmamos a exigência de uma formação única para todos, que seja, porém, respeitosa do dom de cada irmão e das diversas vocações que o Espírito suscita. É preciso que todos os nossos candidatos se formem para evangelizar, não para exercer um só modelo de evangelização. Neste mesmo teor, convém perguntar-nos se o clericalismo na Ordem não se deve em parte e em alguns casos às nossas estruturas formativas vigentes, que fazem com que alguns formandos com vocação laical acabem ordenando-se, simplesmente porque não encontram outros espaços com outras dinâmicas formativas fora do *cursus* clerical.

Aplaudimos os esforços feitos nestes últimos anos pelo governo da Ordem por seguir insistindo junto à Santa Sé para que nos reconheça como uma fraternidade mixta<sup>62</sup>. Entretanto, esta mudança do status canônico que todos desejamos deverá ir acompanhado pela mudança da práxis fraterna.

---

<sup>59</sup> Dei Verbum 10.

<sup>60</sup> Relatório do Ministro Geral, 30.

<sup>61</sup> Relatório do Ministro Geral 137b.

<sup>62</sup> Relatório do Ministro Geral 137c.

## Projeto fraterno de vida e missão

**27. Nenhum projeto de evangelização é iniciativa ou patrimônio pessoal de ninguém; é sempre a fraternidade que evangeliza. O cuidado mútuo dos irmãos que, à semelhança da comunidade trinitária, se dão uns aos outros, exige cultivar uma especial atenção à qualidade de vida fraterna. Uma parte importante do serviço de animação dos Ministros e Guardiães é a busca de meios para recriar a comunhão, a intercomunicação e a transparência e verdade nas relações dos irmãos entre si.**

**28. A vida tocada pelo dinamismo do Evangelho converte-se em paixão transbordante pelo Reino. É preciso dar forma à vida para não perder os frutos daquilo que o Senhor semeou. Mantemos, portanto, nossa convicção de que é necessário que as fraternidades e as entidades entrem na cultura do projeto fraterno de vida e missão. O que nos move a isso não é, antes de tudo, uma preocupação pela eficácia operativa, mas a necessidade de integrar o conjunto de nossa vida e de estabelecer nela os critérios que direcionem nossas decisões. Nestes últimos anos, temos trabalhado sobre as prioridades de nossa vida; afirmamos a convicção de que entre elas e a missão evangelizadora tem que existir uma dinâmica circular de mútua alimentação dentro da qual se inscrevem nossos projetos.**

**Nesta ampla perspectiva, a evangelização se apresenta como o horizonte de todo o caminho de conversão do irmão menor e, portanto, da formação permanente. A missão evangelizadora não é simplesmente a dimensão “externa” de nossa vida. De fato, *a própria vida consagrada, sob a ação do Espírito Santo que está na origem de toda vocação e carisma, se faz missão, como o foi a vida de Jesus*”<sup>63</sup>.**

**29. É necessária também a sensibilidade social para que o contato com a realidade, lida com as ferramentas críticas das ciências sociais e discernida com os olhos da fé, nos sugira o projeto que Deus nos pede. Não podemos viver de costas para os acontecimentos do mundo, especialmente nestes tempos nos quais a cultura pós-moderna, com sua gama de oportunidades, mas também de incertezas, desencanto e ceticismo, nos apresenta tantos desafios. A Ordem optou por acompanhá-lo no caminho, não como quem tem nas mãos as respostas às perguntas que se fazem, mas porque, em condição de igualdade com nossos irmãos e irmãs, os homens e mulheres deste tempo, somos mendicantes de sentido<sup>64</sup>. Seremos consequentes com esta opção? Não se pode elaborar, portanto, um projeto fraterno de vida e missão evangelizadora sem uma consciência social. Por isso, antes de sermos tomados pela obsessão de**

---

<sup>63</sup> Vita consecrata 72, citada em *Fostes chamados à liberdade* 20.

<sup>64</sup> O Senhor nos fala no caminho 6.

adequar nossas estruturas, deveríamos começar por *ler atentamente os sinais dos tempos e dos lugares*<sup>65</sup> e deixarmo-nos interpelar por eles.

30. A espiritualidade que alimenta nossa vida e missão evangelizadora nunca é alheia à vida de nossos povos e ao que a afeta. A chamada justiça ambiental, a não-violência ativa, os refugiados, os imigrantes, os sem-terra, as minorias étnicas, o uso ético e solidário das fontes financeiras ou a epidemia do HIV-AIDS são realidades, entre outras tantas, que precisam ser levadas para a oração e discernidas em nossa prática cotidiana da leitura orante da Palavra de Deus. Os valores da justiça, da paz e da integridade da criação, que são valores enraizados no Evangelho, devem fazer-se naturalmente presentes em nossa vida de oração e devoção e, da mesma maneira, na vida cotidiana e no exercício de nossos ministérios. Somos chamados a construir pontes de diálogo, de encontro, de reconciliação e de paz; a ser mensageiros da cultura da vida em todas as etapas de seu desenvolvimento; a ser, enfim, guardiães da esperança.

31. O “redimensionamento” das presenças e das entidades, que costuma implicar em fechamentos e fusões para umas e para outras, é parte das revisões e reestruturações. Formam um processo doloroso, no qual, no entanto, somos chamados a descobrir um momento de graça pascal para tentar re-significar-nos de uma maneira mais simples e mais vulnerável, mas também mais profética e certamente minorítica, lá onde estamos. Em nossa Ordem, esta é uma realidade que se torna cada vez mais visível e que representa uma oportunidade excepcional de superar a mentalidade provincialista e de fomentar a interprovincialidade e o sentido de pertença às Conferências e à Ordem.

## Conclusão

32. Chegando ao final deste encontro fraterno, não podemos deixar de render graças ao Senhor por todos os bens que nos concedeu durante o mesmo, assim como o fez já antes, nos oito séculos de história da Ordem, e seguramente continuará fazendo até o fim. Graças por tantos irmãos que ao longo dos séculos semearam a semente do Reino no mundo, às vezes com o testemunho silencioso de suas vidas, às vezes com o anúncio explícito do Evangelho. Graças pelo testemunho supremo de fé que deram os inúmeros mártires de nossa Ordem. Graças por todos aqueles que hoje continuam trabalhando pelo Reino com generosidade, imaginação e criatividade nas missões *ad gentes*, na Terra Santa, na África, no extremo Oriente, nas formas tradicionais de pastoral e nas presenças evangelizadoras nos lugares de fratura. Graças também por nossas Irmãs Pobres, por nossos irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular e da Juventude Franciscana e por tantos outros leigos e leigas que compartilham conosco a paixão do ideal franciscano. Por fim, graças pelos sonhos de tantos irmãos de hoje,

---

<sup>65</sup> Relatório do Ministro Geral 184.

uns cheios de utopias, outros sofredores, mas todos grávidos de futuro. Com o coração agradecido reconhecemos a permanente ação do Espírito do Senhor, verdadeiro Ministro geral da Ordem, que nos acompanha e nos conduz pelos caminhos do mundo para anunciar a Boa Nova do Reino do Pai, do jeito como fez o Filho.

**33. Durante o Capítulo, celebramos a vigília de Pentecostes em Santa Maria dos Anjos, reunidos todos na esplanada da basílica em torno a um grande feixe de galhos secos. Em um dado momento da celebração, acendeu-se a lenha com uma pequena chama oriunda do círio pascal, símbolo do Cristo ressuscitado. Rapidamente o feixe se transformou numa fogueira.**

Para que haja fogo, é necessária uma matéria combustível, pois o fogo não é senão a energia interna da matéria liberada em forma de luz e calor. A pira que ardia naquele momento nos falava em sua linguagem simbólica que não existe nada nem ninguém que, por seco ou morto que pareça – como seco e morto estava aquele monte de brasas da lenha – que, tocado pelo Espírito, não seja capaz de dar de si mesmo energia, luz e calor. A ação do Espírito consiste principalmente em liberar as potencialidades internas das pessoas e das circunstâncias. Pentecostes é deixarmos-nos surpreender pelo dinamismo insuspeitável que mora em nós e nos coloca em ação. Só falta uma faísca para desencadeá-lo, uma chama minúscula como aquela do círio: a chama do Ressuscitado. Do resto o próprio Espírito se encarrega.

Com Pentecostes deixamos para trás o tempo pascal, não porque seja um ponto e detalhe litúrgico para passar a outro tema – o tempo comum –, mas porque é a ponte que faz o contato do Ressuscitado com a vida cotidiana daqueles que nele creem. Pentecostes é deixar-se incendiar pelo Espírito com o fogo da Páscoa no dia-a-dia, tão comum e tão corriqueiro, de nossas vidas. Por isso, Francisco queria que o Capítulo geral fosse celebrado por ocasião de Pentecostes, e assim o fizemos.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém!<sup>66</sup>

(introdução ao anexo das propostas)

**34. A fantasia criativa para encarnar no próprio contexto o Evangelho com gestos e ações inéditas que caracterizou Francisco e os irmãos da primeira hora é hoje, mais que nunca, uma exigência iniludível para o irmão menor. O Capítulo geral extraordinário de 2006 assinalou com toda clareza que estamos assistindo a uma mudança de época, na qual vemos emergir *novos paradigmas e categorias que implicam uma séria revisão de nossa missão e a ousadia de percorrer caminhos inéditos de presença e testemunho*<sup>67</sup>. No espírito da primazia da práxis, queremos oferecer, em seguida, aos irmãos e às entidades as propostas votadas pelo Capítulo, as quais podem**

---

<sup>66</sup> Cf. RnB 24, 5.

<sup>67</sup> *O Senhor nos fala no caminho* 33.

**dar-nos a oportunidade de entrar em *um permanente discernimento e (...) uma avaliação constante de nossa vida e de nossas práticas no seio de nossa fraternidade em diálogo constante com os leigos e leigas*<sup>68</sup>.**



---

<sup>68</sup> *Ib.*, 35.